



Opinião Econômica

Solange Srour

Diretora de macroeconomia para o Brasil
no UBS Global Wealth Management

banrisul

Guerra prolongada, mercados resilientes: até quando?

Maior erro é interpretar o comportamento dos investidores como sinal de normalidade

A guerra no Oriente Médio começa a ocupar um papel central na economia mundial não como um episódio temporário, mas como uma força capaz de redefinir a economia global e o equilíbrio de poder entre potências. O que chama a atenção é a dissociação entre o aumento dos riscos econômicos e geopolíticos e o comportamento ainda resiliente dos mercados financeiros.

A forma mais direta pela qual a guerra chega à economia é por meio da alta dos preços de energia, mas o efeito não se limita a esse setor. Fertilizantes mais caros pressionam os preços dos alimentos; metais e outros insumos industriais, por sua vez, encarecem a produção ao longo da cadeia. A inflação tende a se tornar mais disseminada e persistente. A retomada dos fluxos de comércio

tem sido constantemente adiada e, mesmo com uma eventual reabertura das rotas, o processo será lento. Portos precisam ser reorganizados, e a produção, retomada gradualmente. Se o conflito se prolongar ou gerar soluções instáveis, os efeitos tenderão a se estender por mais tempo.

Há ainda uma outra dimensão menos discutida, mas crucial. A guerra atual não é apenas um choque localizado com começo, meio e fim bem definidos. É parte de uma reconfiguração geopolítica mais ampla, com consequências estruturais. Cadeias produtivas estão sendo redesenhadas para trocar eficiência por segurança, elevando custos de forma permanente e tornando preços mais instáveis. A China teve papel relevante ao trazer esse debate para o primeiro plano, ao demonstrar

o poder estratégico associado ao controle de terras raras e outros minerais críticos.

Até aqui, quedas nos preços de ativos têm sido seguidas por recuperações rápidas, sustentadas por resultados corporativos ainda sólidos e pelo entusiasmo com a inteligência artificial. Mas esse otimismo deveria incorporar mais prêmio de risco. O impacto da guerra sobre os resultados das empresas tende a se intensificar à medida que custos sobem, margens são comprimidas e a demanda global desacelera.

Há também um elo pouco discutido: o quão protegido está, de fato, o entusiasmo com a inteligência artificial. Não só pelo uso intensivo de energia que a tecnologia exige. A cadeia produtiva do hardware de IA depende de semicondutores altamente sofisticados,

cujos produção está concentrada em Taiwan. A dependência global dessa ilha guarda semelhança com a dependência do mundo em relação ao estreito de Hormuz para o fluxo de energia. Assim como Ormuz concentra poder de estrangulamento sobre o petróleo, tensões no estreito de Taiwan podem exercer papel semelhante sobre a infraestrutura tecnológica global.

A subprecificação desses riscos é perigosa. Se os mercados passarem a incorporar um ambiente geopolítico mais instável e persistente, a reprecificação poderá ser abrupta. As condições financeiras se tornariam bem restritivas e o impacto sobre a atividade poderia se intensificar de forma não linear.

Outro risco está no campo fiscal. Conflitos frequentes exigem mobilização contínua de recursos em um momento de elevado en-

dividimento público. Juros globais mais altos e a piora na trajetória das dívidas são riscos ainda pouco precificados.

O maior erro é interpretar o comportamento recente dos mercados como sinal de normalidade. O que se observa não é um equilíbrio estável, mas uma convivência temporária entre riscos crescentes e fundamentos que, por ora, ainda são favoráveis. A ordem internacional que sustentou décadas de crescimento relativamente estável está sendo reescrita, e esse tipo de transição raramente é linear ou indolor.

É difícil antecipar quando e se a correção virá. O que parece improvável é que a realidade geopolítica volte a ser cooperativa como no período pós-Segunda Guerra e que, quando essa colaboração finalmente se impuser sobre os ativos, o impacto seja pequeno.

banriway A vida financeira do seu filho começa aqui.

A nova conta para crianças e adolescentes do Banrisul.

Para eles terem **mais autonomia e segurança.**

banrisul
www.banrisul.com.br/banriway

Decisão sobre destino do Cais fica para este mês

/ URBANISMO

Jefferson Klein

jefferson.klein@jornaldocomercio.com.br

Inicialmente, o governo do Estado esperava divulgar, antes do final de abril, uma definição sobre quais seriam os desdobramentos da concessão do Cais Mauá, porém a questão ficará para este mês, conforme informações da Secretaria da Reconstrução. O Consórcio Pulsa RS tinha até o dia 11 de março para entregar documentos e garantias para prosseguir com a assinatura do contrato de uso do espaço, mas não cumpriu o prazo. Agora, a dúvida é se o governo gaúcho irá optar por manter a atual licitação, abrir uma nova disputa pelo empreendimento ou adotar outra alternativa.

O leilão para a revitalização do Cais Mauá, em Porto Alegre, foi feito em 2024, antes da ocorrência das enchentes no Rio Grande do Sul. A catástrofe climática acabou



Concessão abrange mais de 180 mil metros quadrados em Porto Alegre

atrapalhando todo o cronograma do pós-certame. O trecho concedido compreende desde a Usina do Gasômetro até a região das docas, nas cercanias da Estação Rodoviária, o que significa aproximadamente três quilômetros de extensão e 181,2 mil metros quadrados de área. Pelo edital original, estava previsto que, nos cinco primei-

ros anos de concessão, seria feita a reestruturação do patrimônio histórico, envolvendo os armazéns tombados e o pátio central, com um aporte de R\$ 353 milhões. Além disso, a proposta permitia a construção de edificações para uso residencial e corporativo e seria exigida a instalação de um novo sistema de proteção contra cheias.

Usiminas prevê investir R\$ 3,5 bi em desenvolvimento até 2029

/ INDÚSTRIA

Cássio Fonseca

cassiof@jcrs.com.br

Obstinada a se manter competitiva e como referência no mercado do aço brasileiro, a Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais S.A. (Usiminas) prepara investimentos robustos para os próximos anos. Em palestra na Associação do Aço do Rio Grande do Sul (Aars), na quarta-feira, o presidente da empresa, Marcelo Chara, reforçou a meta de aportar R\$ 3,5 bilhões até 2029.

A companhia está presente em cinco estados e as principais unidades são em Ipatinga, Minas Gerais, e Cubatão, São Paulo. Também possui um escritório, uma unidade operacional e um centro de distribuição em Porto Alegre, e ainda marcam presença no Espírito Santo e em Pernambuco.

Sobre as cifras bilionárias de

investimento, Chara aponta que “nosso motivo é poder fornecer aos nossos clientes produtos competitivos com um alto valor agregado”. Além disso, frisa a importância de qualificar a mão de obra local e a necessidade de competir com o mercado externo, principalmente a China. “O emprego industrial é o mais qualificado de uma sociedade. Formar uma pessoa para uma indústria implica anos de especialização, complexidade, educação e desenvolvimento. É importante a ação de medidas de defesa comercial que permitam legitimamente defender os empregos brasileiros”, completa.

Com 12 mil trabalhadores, foram 9,6 milhões de toneladas de ferro e 4,4 milhões de toneladas de aço vendidas em 2025. A Usiminas investiu, ainda, R\$ 117 milhões em seu Centro de Pesquisas, o que resultou em 24 patentes e 77 novos tipos de aço.